

6 Conclusões

Eram meados de 2012. Eu estava sozinha na sala do Departamento de Inglês da escola em que trabalhava quando me dei conta pela primeira vez do que estava de fato acontecendo.

Na semana anterior, alguém havia deixado ou esquecido um exemplar de *Cinquenta Tons de Cinza* em uma bancada na sala dos professores. Ninguém assumia ser dono do livro. Em uma questão de dias, o exemplar passou na mão de várias pessoas. Alguns experimentavam algumas páginas e decidiam que o material disponível ali não justificava o *frisson*. Outros arriscavam ler em voz alta alguns trechos mais ousados em tom de provocação, ou para observar e testar a reação de colegas. Teve gente que assumiu sem muitas cerimônias estar lendo uma versão no Kindle ou mesmo em papel, mesmo achando a obra de qualidade questionável — em todo lugar tem aquele grupo de pessoas que não consegue ficar de fora.

Eu estava completamente perdida, tinha acabado de defender minha dissertação, ainda estava vivendo naquela espécie de bolha que muitos mestrands e doutorands se encontram assim que se intensifica o processo de escrita de suas pesquisas, blindados para as novidades do mundo. Por que esse alvoroço em torno de *Cinquenta Tons de Cinza*, afinal? Eu sequer sabia do que se tratava a obra. Resolvi pesquisar no Google. Descobri várias coisas: sucesso de vendas; BDSM¹³²; *fanfiction*.

De alguma maneira, fui parar em um artigo do *The Guardian* — “In the beginning, there was fan fiction: from the four gospels to Fifty Shades”. Achei suspeitíssimo. Achei interessante. Sempre fui leitora de *fanfiction*. Tinha alguma coisa estranha. O que eu estava perdendo?

Como todos sabemos, *Cinquenta Tons de Cinza* originou-se como um pedaço de *fanfic* baseado na série *Crepúsculo*. Desde que atingiu 31 milhões de vendas em 37 países, vozes preocupadas estão se perguntando: será este o começo de uma era na qual a *fanfic* derruba a criação original?¹³³

¹³² Um acrônimo para uma prática sexual que envolve “Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo”.

¹³³ “As we all know, *Fifty Shades of Grey*, originated as a piece of *fanfic* based on the *Twilight* series. Since it hit 31 million sales in 37 countries worried voices are asking: is this the beginning of an era in which *fanfic* overthrows original creation?” Disponível em <https://www.theguardian.com/books/2012/aug/13/fan-fiction-fifty-shades-grey>, acessado em março de 2018.

Minha primeira reação foi perguntar para os meus colegas professores se eles sabiam que o que estavam lendo era fanfiction de *Crepúsculo*. As respostas que obtive foram coisas como: “Fanfiction?”, “O que é fanfiction?”, “Ah, faz sentido”.

Minha segunda reação foi procurar se havia fanfiction de *Cinquenta Tons de Cinza*. Quando descobri que existia, achei que 1) era óbvio que haveria, era óbvio que as pessoas já estariam escrevendo fanfiction de uma obra que estava fazendo muito sucesso e 2) que incrível que chegamos em um ponto em que as pessoas estavam escrevendo fanfictions baseadas em fanfiction baseada em uma obra original.

Minha terceira reação foi achar incrível que na escola em que eu trabalhava vários professores estavam lendo fanfiction sem saber do que se tratava. Era quase como uma piada interna: isso é fanfiction, estão todos falando sobre isso, alguns estão lendo fanfiction, quase ninguém sabe do que se trata. Será que eu conto?

Desde a minha adolescência eu circulava por esses espaços — comunidades de fãs, fóruns, o site fanfiction.net — e serem publicados, entrarem para nossos *arquivos oficiais*, nunca foi o destino final desses textos. Eles sempre foram consumidos por um público muito específico, que entendia a sua intertextualidade — uma característica marcante do gênero. O que estava acontecendo com a fanfiction? Fazer com que uma fanfiction virasse um *best-seller* e fosse lida por milhões de pessoas — como conseguiram essa façanha? *Como um gênero conseguia passar despercebido?*

Esta tese e todas as perguntas de pesquisa que foram amadurecidas ao longo da elaboração deste trabalho e aqui respondidas surgiram a partir desse episódio e desses questionamentos iniciais.

Entendo que há um movimento por parte de pesquisadores e teóricos do campo em caracterizar a fanfiction e conduzir pesquisas que, em algum grau, respondam “O que é a fanfiction?” ou “Como ela funciona?” porque “ficção escrita por fãs sobre personagens e/ou um universo original” não contempla a complexidade do gênero e a singularidade de seu funcionamento: a fanfiction fragiliza os mecanismos reguladores de nossos sistemas, é um gênero com bordas e fronteiras opacas. A minha escolha por *Reescritas Arcônticas* no título desta tese parte do meu entendimento de que esse tipo de reescrita, embora singular, não cabe dentro da palavra *reescrita no singular*; é única, mas não é *uma*. Fanfictions são muitas coisas e vão para muitos lugares: são muitas produções (em vasta quantidade), de diferentes tipos, que assumem várias estratégias, sendo feitas há mais ou menos bastante tempo (a depender do olhar que se tenha, dos

critérios e do corte que cada teórico ou pesquisador escolha fazer), convergindo com outros gêneros e práticas.

No primeiro caminho de pesquisa que escolhi seguir, esta tese mostrou que fanfictions são reescritas na noção de reescrita proposta por Lefevere, uma vez que os fãs reescrevem os textos-fonte de acordo com seus interesses, modificam, alteram, subvertem o original a partir de critérios e estratégias próprias e, mais ainda, adaptam suas histórias para um público diferente — um público adulto quando as histórias são eróticas, por exemplo. Com intenções ou não, de forma consciente ou não, escritores de fanfiction influenciam a maneira como o público que lê suas narrativas percebe a obra ou franquia original.

No que diz respeito a convergências e divergências com outros tipos de reescritas citadas por Lefevere, a saber, o *pastiche*, observo que a fanfiction e o *pastiche* lançam mão de estratégias muito similares, no entanto, a singularidade da fanfiction está no fato de que é produzida em meio a uma cultura participatória. Como já se disse, o termo *pastiche* muitas vezes é utilizado por escritores de fanfiction para criar um fosso hierárquico entre textos que tais escritores consideram de boa ou de má qualidade. A diferença principal entre os dois gêneros não está propriamente no texto, mas na cultura em que são produzidos.

Minha pesquisa também mostra que as fanfictions desestabilizam os componentes da patronagem. Quando escritores de fanfiction decidem aproveitar brechas no texto canônico e escrever histórias em que Draco Malfoy e Harry Potter vivem um romance que não tem nada de heteronormativo, estão desafiando uma ideologia dominante.

Quando essas narrativas circulam majoritariamente em espaços *online* (*websites*, fóruns, redes sociais), cujo caráter principal é o acesso livre e democrático e editoras/editores não podem exercer controle quanto ao conteúdo ou forma daquilo que pode ou não ser publicado, elas estão desafiando um componente econômico.

Como não há uma relação financeira direta entre os escritores de fanfiction e os espaços de publicação de suas narrativas, a questão do *status* mencionada por Lefevere fica fragilizada, pois não há a necessidade de se satisfazer as expectativas de editoras para que se possa receber por um determinado trabalho. Os fãs-escritores se dedicam a satisfazer seu público-leitor e suas próprias expectativas.

Nesse primeiro caminho que escolhi seguir, fica claro que as fanfictions são reescritas nos termos de Lefevere, e que desestabilizam os mecanismos de controle da patronagem, ao menos da patronagem tal como pensada pelo autor.

No segundo caminho de pesquisa que escolhi seguir, este trabalho mostrou que a fanfiction pode ser produtivamente pensada como uma reescrita arcôntica, a partir de Derrida (1995) e Derecho (2006). As narrativas de fãs são um gênero que têm caráter de arquivo (sempre em expansão, como observou Derecho), que possuem uma espécie de arconte pós-moderno com autoridade hermenêutica para interpretar textos inaugurais (os fãs), que apresentam tensões conservadoras e instituidoras (uma característica dos funcionamentos dos arquivos, como observado por Derrida). É possível observar também na fanfiction aquilo que arquivos oficiais silenciam: uma vez que é um gênero arcôntico, ou seja, que tem caráter de arquivo, opera também como uma espécie de arquivo-resistência, que recusa os discursos oficializantes de nossos arquivos tradicionais. Corroborando o artigo de Derecho, a fanfiction é um meio de expressar insatisfação e de garantir representatividade de minorias.

As reflexões e discussões desenvolvidas nos capítulos 2, 3 e 4 foram reforçadas com as análises das narrativas apresentadas no capítulo 5: *Harriet Potter* é um excelente exemplo de reescrita nos termos de Lefevere e mostra, especialmente, como as fronteiras entre os gêneros fanfiction e pastiche não são muito objetivas. As duas fanfictions sobre a série *Friends* contrastam especialmente as tensões instituidoras e conservadoras características do gênero e presentes nas comunidades de fãs — em maior ou menor grau, há grupos que se alinham com narrativas mais tradicionais e outros que preferem fanfictions que subvertam os textos inaugurais. A análise e a discussão das narrativas sobre o jogo de videogame *Assassin's Creed* reforçam e corroboram, ao final, *aquilo que a fanfiction dá a ver* — arquivo-resistência, arquivo-protesto.

A fanfiction é um fenômeno contemporâneo importante. Acredito que minha pesquisa, juntando-se a outras que têm sido feitas no Brasil, contribua para suprir uma lacuna e favoreça um movimento de estabelecer o campo dos Estudos sobre a Fanfiction no país. Além disso, esta tese contribuiu para aprofundar as caracterizações e entendimentos quanto ao gênero, ampliou e atualizou o leque de reescritas propostos por Lefevere, e aprofundou e trouxe para a contemporaneidade a discussão sobre a patronagem e sobre o arquivo. Minha pesquisa também colabora para lançar um olhar

para a fanfiction que não esteja circunscrito ao de “escrita amadora” ou de “má qualidade” e que por isso não tem seus aspectos significativos.

Espero que esse trabalho possa incentivar ou entusiasmar outras pesquisas relacionadas ao tema. Seria interessante aprofundar a relação entre a fanfiction e outras formas de reescrita, pensar em outras articulações com Derrida e a noção de arquivo tal qual pensada pelo filósofo, propor articulações com outros teóricos que também explorem uma noção de arquivo (por exemplo, Foucault) e ampliar o número de fanfictions analisadas.

Espero também que se possa, cada vez mais, pensar a fanfiction e as práticas do fã — instituidoras ou conservadoras — como uma grande celebração crítica e conscienciosa dos textos inaugurais.